

LITERATURA SURDA E LIBRAS: O EMPODERAMENTO PSICOLÓGICO IDENTITÁRIO DO SUJEITO SURDO

Thiago Costa Alves¹; Ana Beatriz Almeida Sampaio¹; Igor Torres Ferro¹; Francisca Aldenisa Peixoto da Silva²

¹Discente do Curso de Psicologia do Centro Universitário Católica de Quixadá.
E-mail: thiagoalvespsi@gmail.com

²Docente da Disciplina de LIBRAS do Centro Universitário Católica de Quixadá.
E-mail: aldenisasilva@unicatolicaquixada.edu.br

RESUMO

Muito se fala sobre a identidade surda e sua língua, a LIBRAS. Era comum a psicologia classificar as pessoas em um modelo médico, colocando entre parênteses o normal e o anormal, reduzindo os indivíduos apenas a sua condição. Com o sujeito surdo não foi diferente, sua condição o levou a ser tratado de forma desigual e discriminadora, afinal ele não poderia se comunicar com os demais. Hoje entendemos que a linguagem vai além da fala oral, existem outras formas de falar, outras maneiras de repassar uma mensagem com um significado, isso se chama literatura. Esta literatura é de grande importância na comunidade surda, é ela quem vai permitir que o que seja dito, tenha um significado e permita que outro indivíduo possa responder a esta fala, dando significado produzindo a possibilidade de uma discussão. Antigamente a psicologia, como deveria, não dava a devida importância às questões subjetivas do indivíduo, reduzindo-o apenas a sua condição de surdo, dando importância apenas aos fatores biológicos que o caracterizava. A psicologia hoje entende o sujeito surdo como alguém que possui habilidades, vontades, vitórias e fracassos como qualquer outro indivíduo. Foca-se hoje na subjetividade, ou seja, aquele fator biológico antes considerado importante hoje já não é o centro da atenção, sendo a libras exigida hoje em ambiente psicológico, para que se facilite a abrangência da linguagem em todos os âmbitos de atendimento, inclusive no psicológico. Este trabalho teve como objetivo discorrer sobre a língua libras e seu uso como forma de conscientização da comunidade surda.

Palavras-chave: Surdo. LIBRAS. Psicologia.

INTRODUÇÃO

A psicologia, por muito tempo, seguiu o modelo médico de classificação no que se refere ao sujeito normal e anormal, classificando-o de acordo com a estrutura física e desconsiderando o fator subjetividade constituinte, também, na formação do ser humano. Portanto, o sujeito surdo era considerado incapaz de participar de terapia, pois o seu desenvolvimento simbólico era retardado pela falta da audição.

Como dito por Pound (1970, p.23): “Literatura é a linguagem carregada de significado.”. Ou seja, fazemos literatura quando damos sentidos à linguagem, diversificamos interpretações quando a carregamos de significados.

A linguagem sem a literatura se resumiria ao relacionamento de um significante a um único significado, sem ambiguidades. Através da literatura, a relação significante-significado promove ambiguidades, fazendo com que uma mesma, palavra, frase ou texto possua diversos significados, caminhando no sentido contrário da linguagem comum. Em um diálogo comum para que a comunicação seja bem estabelecida, a mensagem deve ser transmitida com clareza e objetividade. Porém, quando uma dúvida surge diante de uma conversa é gerada uma reflexão que pode ser direcionada para a sua vida e para o modo como você lida com o mundo como outro (CARDOSO, 2017).

Tendo em vista que a Literatura é um fenômeno de grande importância para a cultura surda é importante que percebamos a sua presença e poder de influência não só na comunidade surda, mas no contexto em que esta está inserida. Para isso precisamos conhecer também os vários desafios presente na construção do processo surdo-literário.

Este estudo foi uma produção acadêmica solicitada como forma de avaliação da disciplina de LIBRAS ofertada como optativa no Centro Universitário Católica de Quixadá. Tivemos interesse pelo tema a partir de vários trechos literários produzidos por surdos que nos foram apresentados em várias aulas desta disciplina que nos geraram grande admiração também pelos seus testemunhos de superação. Este trabalho teve como

objetivo conhecer a visão da psicologia sobre a surdez, e os aspectos da Literatura Surda no Brasil fazendo uma articulação com a importância da LIBRAS, junto a prática literária como forma de estabelecer o comportamento de empoderamento da comunidade surda.

Para garantia desses objetivos realizamos uma pesquisa bibliográfica a partir de artigos de revistas da plataforma Scielo, contando também com outras produções acadêmicas como resenhas e TCC's, utilizamos também como embasamento a Lei que oficializa a LIBRAS como língua oficial dos surdos.

Como objetivo principal desta pesquisa, buscamos compreender como a LIBRAS, a Literatura Surda e a Psicologia contribuem para a formação da identidade do surdo e seu empoderamento meio a sociedade contemporânea.

METODOLOGIA

Esta pesquisa é de cunho qualitativo por uma revisão bibliográfica-exploratória, segundo Cervo, Bervian e da Silva (2007, p. 61), a pesquisa bibliográfica “constitui o procedimento básico para os estudos monográficos, pelos quais se busca o domínio do estado da arte sobre determinado tema”. Para coleta de dados foram tidos como prioridade trabalhos publicados no assunto a partir do ano 2000 (dois mil). A fonte usada para obter os dados foi do tipo documental, mais especificamente buscas feitas nas plataformas eletrônicas Scielo e Google Acadêmico, e como descritores para pesquisa foram usados “identidade surda, psicologia e surdez, literatura surda, história da LIBRAS”.

Foi usada a redução de dados com concentração em autores mais atuais no assunto e de maior relevância, como por exemplo, Dalcin (2009), Karnopp (2010), Nichols (2016) e Strobel (2013). Foram lidos nos meses de setembro e outubro de 2018 cerca de 20 (vinte) obras entre artigos, teses, livros, para a construção desse artigo; e desses foi feita seleção para análise, e organização das fontes por meio de ficha de leituras (fichamentos). Todo o material pesquisado, bem como, as respectivas análises foram organizadas compondo este trabalho.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A RELAÇÃO ENTRE PSICOLOGIA E SURDEZ

A psicologia, seguindo o modelo médico da época, classificava os sujeitos em normais e anormais enquadrando-os em determinadas patologias. Desta forma, o sujeito surdo era compreendido como anormal, uma vez que ele não possuía a audição. Nesse sentido Dalcin (2009) citando Petit (1971) nos traz: “não é um sujeito normal, ao menos enquanto a uma certa capacidade de recepção sensorial... É um sujeito que, em uma determinada medida, é outro, em que a vida mental e o conjunto da personalidade estão diferentemente organizados” (p. 6). Assim, a psicologia da época privilegiava as causas orgânicas da surdez esquecendo-se do indivíduo composto também por subjetividade.

O discurso médico classificou o sujeito deficiente auditivo como “surdo-mudo” ou “mudo”, todavia, o surdo não possui nenhum problema no órgão reprodutor da fala, e não é mudo, pois dispõe da língua de sinais para se comunicar. (DALCIN, 2009). Assim, o que podemos perceber é que tanto a psicologia quanto a medicina simplificaram o sujeito, colocando a sua subjetividade à margem e pondo em evidência aspectos físico-biológicos:

Desse modo, percebemos que tanto a medicina quanto a psicologia mostraram-se “surdas” às questões da constituição psíquica do sujeito surdo, ou seja, não levando em consideração a importância de o sujeito ter acesso a uma língua que o permita estabelecer contato com a cultura a qual está inserido e, conseqüentemente, ter recursos para interagir com mundo simbólico pela aprendizagem da linguagem, possibilitando o processo de humanização através do convívio humano. (DALCIN, 2009, p. 8).

Hoje, a psicologia entende o sujeito surdo como alguém dotado de capacidades, anseios e problemas como qualquer outro ser humano. A sua subjetividade é o foco. É enfatizado aos profissionais psicólogos a importância do aprendizado da LIBRAS, mesmo sendo permitido a presença do intérprete na terapia, com o intuito de facilitar o vínculo terapêutico e a inclusão do indivíduo. Barbosa e Chaveiro (2005, p. 420) enfatizam a importância do uso da LIBRAS por profissionais de saúde, “observa-se que o comportamento não verbal

impede um vínculo efetivo entre cliente e profissional, portanto, em sua formação é essencial o aprendizado da LIBRAS [...]”.

DEFININDO LITERATURA

O ato de contar histórias é uma ação que remota a antiguidade humana. As civilizações mais antigas já contavam histórias e piadas como formas de distração e entretenimento. Desta forma, o homem usa da representação do mundo e de si na construção de ideias, ou seja, constrói, a partir de uma interação interna e externa a si obras que ficarão para a posterioridade. Mas, então, o que é a Literatura?

Fonseca (2013, p.1) nos fala que: “o nome Literatura é, certamente, novo (data do início do século XIX); anteriormente, a literatura, de acordo com a etimologia, eram as inscrições, a escritura, erudição, ou o conhecimento das letras”. Assim, a palavra “Literatura” sofreu variações ficando cada vez mais complexa.

O dicionário Houaiss nos traz a seguinte definição sobre o que seja Literatura:

s.f. Arte de escrever trabalhos artísticos em prosa ou verso. Conjunto das produções literárias de um país, de uma época. Profissão de homem de letras: dedicar-se à literatura. Conjunto de obras sobre um determinado assunto; bibliografia: literatura sobre o câncer. Literatura de cordel, literatura popular, de pouco ou nenhum valor literário, geralmente em brochuras ou folhetos pendurados em cordel de bancas de jornaleiros ou vendidos em feiras do Nordeste. Literatura de ficção, o romance, a novela, o conto. (DICIONÁRIO HOUAISS, 2015)

Assim, de acordo com o dicionário Houaiss, o termo Literatura se definiu como o ato de “escrever”, de registrar algo no papel com letras. Vale ressaltar que, nem tudo o que se escreve pode ser considerado como literatura, para isso é preciso que o texto possua algumas características próprias, uma linguagem literária, poética, e que exista a capacidade de atingir o leitor, ou seja, “quando a intenção do emissor está voltada para a própria mensagem, com as palavras carregadas de significado” (NICOLA, 1998, p. 24).

Portanto, podemos considerar um texto como literário pela forma da sua linguagem. O texto literário não pode possuir características de uma linguagem científica ou técnica, mas, que seja “mais elevada, sublime, que encante o leitor” (NICHOLS, 2016, p. 28).

A LITERATURA SURDA

Para Karnopp (2010), a literatura surda está ligada à história da língua de sinais, da Identidade e da Cultura Surda, e podemos encontrá-la na confecção de textos literários em sinais, com base na experiência visual. A autora aborda:

A expressão “literatura surda” é utilizada no presente texto para histórias que têm a língua de sinais, a identidade e a cultura surda presentes na narrativa. Literatura surda é a produção de textos literários em sinais, que traduz a experiência visual, que entende a surdez como presença de algo e não como falta, que possibilita outras representações de surdos e que considera as pessoas surdas como um grupo linguístico e cultural diferente (KARNOPP, 2010, p.161).

A literatura surda remonta o século XIX, quando as histórias eram transmitidas visualmente por gerações. (PORTO E PEIXOTO, 2011). Nos dias atuais o contato do surdo com a literatura acontece em centros de convivências, associações de surdos, escolas, e entre os membros da comunidade surda.

No que diz respeito ao gênero literário da poesia em língua de sinais, ela é considerada uma linguagem que possui grande efeito estético, além de exprimir os anseios comuns da comunidade surda. Sutton-Spense (2012) qualifica a poesia em LIBRAS como: “uma representação máxima da sinalização estética, na qual a linguagem utilizada é tão importante – ou até mais – quanto à mensagem” (SOUZA, 2014, p. 171).

Há uma discussão em torno das expressões que classificam os trabalhos literários da comunidade surda – Literatura em Libras ou Literatura Surda –, alguns defendem que o uso dessas terminologias pode rotular e/ou delimitar os trabalhos dos escritores surdos; outros são favoráveis ao uso dos termos, uma vez que ajuda a colocar em foco a luta contra a exclusão dentro do campo tradicional literário (NICHOLS, 2016).

A literatura surda, então, traz dentro de suas características particulares, uma mais marcante, que é a identidade do surdo sendo comunicado para o surdo, e assim, ele pode tomar posse da escrita de sua própria

história sem precisar de um terceiro, geralmente ouvinte, para conta-la. Nesse sentido, o autor Nichols (2016) citando Strobel (2008) fala:

Sendo o texto/diálogo o lugar favorecido para as manifestações da subjetividade, essa literatura surda traria a transição de uma “pessoa surda” alienada para aquela consciente de sua posição na história da experiência visual. Essa postura faz com que a literatura surda possa ser identificada como um dos artefatos culturais do povo surdo (STROBEL, 2008), pois ela oferece diversos exemplos da tentativa de consolidar uma produção artística que realmente atenda à necessidade e ao desejo dessa construção identitária (NICHOLS, 2016, apud STROBEL, 2008, p. 52-53).

LITERATURA SURDA BRASILEIRA

Apesar das línguas de sinais existirem a muito tempo, o seu reconhecimento civil é recente. Só em 1984, a UNESCO afirmou assim: “(...) a língua de sinais deveria ser reconhecida como um sistema linguístico legítimo e deveria merecer o mesmo status que os outros sistemas linguísticos” (WRIGLEY, 1996, p. xiii). No Brasil, foi através da articulação política da Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos (FENEIS), que ocorreu a oficialização da LIBRAS, como consta na Lei Federal 10.436 (24/04/2002). Tempos depois, foi publicado no Diário Oficial, o Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005, que regulamenta a Lei n. 10.436, e o art. 18 da Lei n. 10.098 de 19 de dezembro de 2000. O decreto aborda os temas centrais: da inclusão da LIBRAS como disciplina curricular; da formação do professor de LIBRAS e do instrutor de LIBRAS; do uso e da difusão da LIBRAS e da língua portuguesa para o acesso das pessoas surdas à educação; da formação do tradutor e intérprete de LIBRAS-língua portuguesa; da garantia do direito à educação das pessoas surdas ou com deficiência auditiva.

Oficialmente reconhecida a LIBRAS, começa a surgir algumas publicações de obras literárias para surdos. Inicialmente elas se deram por traduções de obras clássicas existentes da literatura ouvinte. A editora “Arara Azul” dispõe da coleção “Clássicos da Literatura em CD-R em LIBRAS/Português”, que são histórias clássicas infantis traduzidas da língua portuguesa para a língua de sinais brasileira. Alguns deles são: Alice no País das Maravilhas (Lewis Carroll, 2002), As aventuras de Pinóquio (Carlo Collodi, 2003), A história de Aladim e a lâmpada maravilhosa (autor desconhecido, 2004). Há também obras para jovens e adultos das literaturas de língua portuguesa: Iracema (José de Alencar, 2002), O velho da horta (Gil Vicente, 2004), O Alienista (Machado de Assis, 2004), O Caso da Vara (Machado de Assis, 2005) A Missa do Galo (Machado de Assis, 2005), A cartomante (Machado de Assis 2005), O Relógio de Ouro (Machado de Assis 2005). (<http://www.editora-araraazul.com.br/>, acesso em março de 2005).

É possível, ainda, encontrar livros com a temática sobre surdez, a língua de sinais e os surdos. Alguns deles são: Tibi e Joca (Bisol, 2001), A cigarra e as formigas (Oliveira; Boldo, 2003), Kit Libras é Legal (2003), O Som do Silêncio (Cotes, 2004), Cinderela Surda (Hessel; Rosa; Karnopp, 2003), Rapunzel Surda (Silveira; Rosa; Karnopp, 2003), Adão e Eva (Rosa; Karnopp, 2005), Patinho Surdo (Rosa; Karnopp, 2005).

A Literatura Surda constitui para o sujeito surdo, fatores de grande relevância, uma vez que promove a reflexão, a criticidade, a autonomia, dentre outros fatores importantes na construção da identidade. Desta forma, a Literatura Surda possibilita a ressignificação dos contextos, produzindo novos conhecimentos utilizando a sua língua natural, a de sinais.

A LIBRAS E A LITERATURA SURDA NA FORMAÇÃO DA IDENTIDADE SURDA

De fato, a LIBRAS bem como a literatura surda, proporcionou ao sujeito surdo a oportunidade do poder de comunicação entre os seus, ou seja, a sua comunidade, e ainda, aos adeptos da cultura surda. Mas o que seria a cultura surda? De acordo com Perlin e Strobel “[...] a cultura surda é o padrão de comportamento compartilhado por sujeitos surdos na experiência trocada com os seus semelhantes quer seja na escola, nas associações de surdos ou encontros informais.” (2010, p. 25). O padrão de comportamento gera a identidade surda de um grupo, que possui características próprias, linguagem e valores culturais. Hall (2004), uma pesquisadora surda, faz uma reflexão sobre a identidade da comunidade surda:

[...] As identidades surdas são construídas dentro das representações possíveis da cultura surda, elas moldam-se de acordo com a maior ou menor receptividade cultural assumida pelo sujeito. E dentro dessa receptividade cultural, também surge aquela luta política ou

consciência oposicional pela qual o indivíduo representa a si mesmo, se defende da homogeneização, dos aspectos que o tornam corpo menos habitável, da sensação de invalidez, de inclusão entre os deficientes, de menos-valia social. (2004, p. 77-78)

O domínio da língua de sinais é para o sujeito surdo de grande importância, uma vez que ela é uma das principais marcas da identidade do povo surdo facilitando a comunicação. Sendo ela, também, um meio que a comunidade surda terá para transmitir e captar conhecimento universal (STROBEL, 2008a, p. 42-43). Sem a língua de sinais o surdo será maior a probabilidade ao isolamento social até mesmo dentro do seu próprio ambiente familiar, onde, na maioria das vezes, a comunicação acontece por meio oral.

Com a língua de sinais os surdos entram em um novo mundo, possibilitando a eles a apropriação do simbólico, enriquecimento da sua identidade, empoderamento da sua subjetividade, como bem aborda o autor Dalcin (2009, p. 40):

Através da aquisição da língua de sinais os surdos tornam-se sujeitos falantes. Consequentemente um mundo de possibilidades se abre, possibilitando uma interação com o meio. A língua de sinais proporciona-lhes novas orientações e novas possibilidades de aprendizado e ação, dominando e transformando as experiências anteriores. Com isso, podem apropriar-se da esfera simbólica do passado e do futuro, saindo do presente, além de estabelecer diversas relações conceituais/hipotéticas que culminam na construção de conceitos novos para si mesmos e na reestruturação dos antigos.

Portanto, o pertencimento a comunidade surda pelo sujeito surdo colabora para a formação da sua subjetividade – o ser surdo. Pertencendo uma vez a comunidade surda, o surdo sai do lugar de exclusão, do “mundo” silencioso em que vivia, para outro onde é compreendido e entendido, passa a conviver no meio de iguais e conseguem construir vínculos com trocas de informações. A comunidade surda se torna outra família para o surdo (DALCIN, 2009).

CONCLUSÕES

A psicologia que outrora classificava o surdo como anormal, hoje reconhece-o como sujeito dotado de capacidades como qualquer outro ser humano. Percebemos através das pesquisas realizadas que são poucos os profissionais da psicologia na busca do domínio da LIBRAS, linguagem usada pela comunidade surda para a comunicação. Ela facilita a vinculação entre terapeuta e paciente. O ideal seria ter a LIBRAS como disciplina obrigatória na grade curricular, dado a importância desse aprendizado.

A Literatura Surda como produto de uma cultura identitária surda, deve ser valorizada dentro da comunidade surda e da escola. Vale ressaltar a importância da produção de histórias para crianças por autores surdos. O empoderamento através da autorepresentação se torna uma grande estratégia para maior visibilidade da comunidade surda, e uma poderosa arma de luta a favor dos direitos sociais e civis para a classe.

Os sujeitos e a cultura surda vêm ganhando espaço no meio literário tradicional. No entanto, esse espaço ainda é tímido e por demais pequeno. Torna-se importante o incentivo a prática da produção literária na comunidade surda, bem como a abertura do mercado consumidor para este produto. Entende-se que, a Literatura Surda contribui para a afirmação da identidade do sujeito surdo, e ainda, colabora para a significação e aprendizagem por meio da leitura e da escrita para o aluno surdo.

Os surdos ganharam direitos (ainda que poucos), liberdade de expressão, a afirmação de uma identidade própria, no entanto, a sociedade no geral ainda precisa abrir-se para acolher esses sujeitos facilitando o acesso dessas pessoas a todos os ambientes, para isso se faz necessário o aprendizado da LIBRAS, considerando que ela é a segunda língua oficial brasileira.

REFERÊNCIAS

- CARDOSO, Camila Chaves. **OS CONCEITOS DE LITERATURA E CRÍTICA LITERÁRIA EM DOIS TEXTOS DE SILVIO ROMERO**. 2017. Disponível em: <<http://www.unicamp.br/iel/site/alunos/publicacoes/textos/c00017.htm>>. Acesso em: 05 out. 2018.
- CERVO, Amado L.; BREVIAN, Pedro A.; SILVA, Roberto da. **Metodologia Científica**. 6. ed. Pearson Prentice Hall, 2007.

CHAVEIRO, Neuma; BAROSA, A. Maria. **Assistência ao surdo na área de saúde como fator de inclusão social.** Rev. Esc. Enferm. USP; 39(4): 417-22. 2005.

DALCIN, Gladis. **Psicologia da Educação de Surdos.** 2009. Dissertação (Licenciatura em Letras-Libras) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis-SC.

FONSECA, Maria Luísa Ferreira. **Literatura e Psicanálise: algumas associações,** 2013. Disponível em: <<https://psicologado.com/abordagens/psicanalise/literatura-e-psicanalisealgumas-associacoes>>. Acesso em: 23 set. 2018.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade.** Rio de Janeiro: DP&A, 2004.

HOUAISS. **Dicionário.** 2015. Disponível em: <<http://www.dicio.com.br/literatura/>>. Acesso em: 23 set. 2018.

KARNOPP, Lodenir Becker. Produções culturais de surdos: análise da literatura surda. **Cadernos de Educação.** FaE/PPGE/UFPel. Pelotas. v. 36, p.155 - 174, maio/agosto 2010. Disponível em <<http://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/caduc/article/viewFile/1605/1488>>. Acesso em 23 set. 2018.

NICHOLS, GUILHERME. Literatura Surda: Além da Língua de Sinais. Campinas. **Dissertação de Mestrado.** 2016.

NICOLA, José de. **Literatura brasileira: das origens aos nossos dias.** São Paulo: Scipione, 1998.

POUND. E. **O ABC da Literatura.** São Paulo: Cultrix, p. 23. 1970.

SOUZA, Saulo Xavier de. Reflexões comparativas sobre procedimentos tradutórios ao português de poemas em língua brasileira de sinais. **La traductología en Brasil. Mutatis Mutandis.** v. 7, n. 1. p. 168-190, 2014. Disponível em <<http://aprendeenlinea.udea.edu.co/revistas/index.php/mutatismutandis/article/viewFile/18769/16851>>. Acesso em 23 set. 2018.

STROBEL, K. **As imagens do outro sobre a cultura surda.** Florianópolis: Editora da UFSC, 2008a.

STROBEL, Karin. **As imagens do outro sobre a cultura surda.** 3. ed. Florianópolis: Editora UFSC. p. 146. 2013.

SUTTON-SPENCE, Rachel. **Dorothy Miles.** Chapter 4 Dorothy's Life Experiences, 12. Dez. 2003. Disponível em: <<http://sign-lang.ruhosting.nl/echo/docs/Dorothy%20Miles.pdf>>. Acesso em 23 set. 2018.

WRIGLEY, O. **The politics of deafness.** Washington: Gallaudet University Press, 1996.